

PRÊMIO FNLIJ 2017

PRODUÇÃO 2016

Justificativa dos votantes

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL
SEÇÃO BRASILEIRA DO IBBY



FNLIJ
DESDE 1968

www.fnlij.org.br

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

PRÊMIO FNLIJ 2017

PRODUÇÃO 2016

Justificativas dos leitores-votantes



FNLIJ

DESDE 1968

LEITORES-VOTANTES DO PRÊMIO FNLIJ 2017 – PRODUÇÃO 2016

| | |
|--------------------------|---|
| BRASÍLIA | Cristiane de Salles Moreira dos Santos (CS) |
| GOIÁS | Maria das Graças M. Castro (MC) |
| MARANHÃO | Rosa Maria Ferreira Lima |
| MINAS GERAIS | CEALE – Grupo de Pesquisa LIJ – UFMG, RESPONSÁVEL: Guilherme Trielli (GPELL) Fabíola Ribeiro Farias (FF) |
| PARÁ | Luiz Percival Leme Britto (LP) |
| PARANÁ | Alice Áurea Penteado Martha (AM) |
| PARAÍBA | Neide Medeiros Santos (NS) |
| RIO DE JANEIRO | Elizabeth D'Angelo Serra Iraídes Maria Pereira Coelho (IC) Laura Sandroni Leonor Werneck dos Santos (LWS) Maria Teresa Gonçalves Pereira (MGP) Marisa Borba (MB) Patrícia Corsino |
| RIO GRANDE DO SUL | Regina Zilberman (RZ) Vera Teixeira de Aguiar (VA) |
| SANTA CATARINA | Eliane Debus (ED) Sueli de Souza Cagneti (SC) Tânia Piacentini (TP) |
| SÃO PAULO | Gláucia Maria Mollo (GM) João Luis Cardoso Tápias Ceccantini |

APRESENTAÇÃO

Há 49 anos a FNLIJ realiza a Seleção Anual do Prêmio FNLIJ agraciando obras de literatura direcionadas a crianças e jovens e livros teóricos sobre LIJ. A primeira obra a ser contemplada foi o livro *O rei de quase tudo*, de Eliardo França, na categoria Criança em 1974.

Este ano de 2017, foram premiados 21 livros e uma coleção, referente ao Prêmio FNLIJ de 2016, 18 categorias contemplando 13 editoras. Os livros analisados, enviados pelas editoras à FNLIJ, foram produzidos no país e publicados no ano vigente do prêmio, totalizando 685 títulos inscritos, em 2016. Nesta publicação apresentamos as justificativas dos leitores-votantes para a 43ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2017 – Produção 2016, por categoria, de acordo com o ano de criação de cada uma.

Esperamos com esta pequena publicação, contribuir para o trabalho de profissionais da área de leitura, literatura e formação de leitores, além de divulgar os livros vencedores do Prêmio FNLIJ 2017 – Produção 2016.

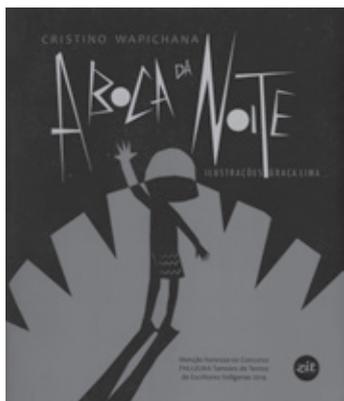
A versão digital se encontra no site www.fnlj.org.br

Registramos nossos agradecimentos aos editores que enviaram 5 (cinco) exemplares de cada título para a FNLIJ e aqueles que atendem a nossa solicitação enviando 1 (um) exemplar de cada diretamente para casa dos leitores-votantes.

Também nosso agradecimento especial aos leitores-votantes que trabalham como colaboradores sem receber remuneração pelo trabalho de leitura durante 8 meses qualificando com seus currículos o Prêmio FNLIJ.

Elizabeth D'Angelo Serra

SECRETÁRIA GERAL DA FNLIJ



PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA FONTES
O MELHOR LIVRO PARA A CRIANÇA

A boca da noite: histórias que moram em mim.

Cristino Wapichana. Il Graça Lima. Zit

A boca da noite, livro de Cristino Wapichana, é uma história de vida de criança narrada com singeleza e leveza; encanta pela linguagem desprendida, em que a simplicidade do dizer cotidiano se reveste de poesia. Não há mistério, mas há o enigma que provoca a gente a indagar como são as coisas do mundo, os segredos da natureza, as formas que toma a vida e os medos que nos vem nem sabemos bem de onde. As ilustrações de Graça Lima, intensas nas formas e nas cores, quase um susto, provocam a contemplação, à admiração e à sensação de medo curioso. Um livro que deixa evidente a universalidade da emoção e da arte. Emoção e arte que pode ser de qualquer povo de qualquer tempo ou lugar. **LP**

Quem já não ficou inebriado ao ver o pôr do sol, no chegar da noite, diante do mar, do rio, da lagoa ou da floresta? Ou mesmo no centro de uma grande ou pequena cidade? Cristino, que é do povo Wapichana, de Roraima, no norte do país, nos descreve, com inventividade, do ponto de vista de um menino, esse momento diante da “boca da noite”. Com cores imponentes, a partir das ilustrações de Graça Lima, a história contada pelo seu autor toma caráter mágico e encantador. Os leitores mergulham na realidade do povo indígena cheia de detalhes do seu cotidiano, onde os mais velhos adquirem toda a referência de coragem e de ensinamentos. E a natureza virgem, um poder as vezes incompreensível. Belo trabalho de produção editorial, que reúne em linguagens diferentes, dois artistas talentosos, a ilustradora que deu materialidade ao tema de forma sensível, e ao autor, que com uma narrativa simples e criativa, remete às crianças, a natureza do conhecimento indígena, de forma lúdica e mágica. **IC**

O livro *A boca da noite*, de Cristino Wapichana e Graça Lima (ilustrações), publicado pela editora Zit, ao apresentar uma narrativa de tradição oral indígena, destaca-se por contribuir para a apresentação das culturas indígenas do Brasil. O livro, de autoria indígena, contribui para a abordagem das culturas indígenas numa perspectiva da diversidade, ao apresentar uma narrativa de tradição oral no contexto do povo indígena Wapichana, com apresentação desse povo e também com texto, acompanhado de glossário, com palavras de uma língua indígena. Desse modo, há uma importante contribuição para que não seja configurada uma homogeneização dos diferentes povos e culturas indígenas, muitas vezes presente no mercado editorial de produções para o público infanto-juvenil, que frequentemente trazem caracterizações simplistas de narrativas – com uso de expressões como “lenda indígena” –, que acabam por não contribuir para uma apresentação das diversidades das culturas indígenas em território brasileiro. Além desse aspecto político, cultural e social da obra, cabe destacar sua qualidade literária. Destaca-se no livro o texto poético acompanhado de imagens e projeto gráfico que conferem à obra uma qualidade superior, tanto no que diz respeito à estética visual quanto à linguagem poético-literária. **GPELL**

O livro *A boca da noite* me espanta enquanto objeto de arte, me conduzindo ao reino do fantástico, da ancestralidade e da cultura do povo Wapichana.

Cristino Wapichana nos leva às “encanterias da infância”: às histórias contadas pelos mais velhos, à desobediência-fruto da curiosidade infantil e seus consequentes castigos e medos. Fala-nos sobre Kupai, um menino muito curioso do povo Wapichana que vê, junto com seu irmão Dum, o sol mergulhar no rio, pela primeira vez.

– “Mas será que ele não vai se afogar, Mano?”

– Claro que não, Kupai! Ele só está tomando banho para dormir!”

E depois que o sol desaparece dentro do rio, os dois irmãos sobem na laje do Trovão para verem a aldeia lá do alto, desobedecendo assim o pai. Pela desobediência, são castigados. O pai, para dar-lhes uma lição conta a história “A Boca da Noite”.

Logo no início, a fantasia e o medo tomam conta de Kupai e ele não ouve mais nada.

– “Como seria a boca da noite?”

– Será que a boca da noite tem dentes? Tem corpo? Ela fala?

Assim, a escrita fascinante de Cristino Wapichana vai nos enchendo de surpresas. Kupai sonha e adquire um novo medo – o medo daquela boca enorme. O sossego só vem com a explicação:

“– Boca da noite é quando o sol se despede e a noite vai tomando seu lugarzinho no mundo. A boca da noite é muito importante pra gente descansar, sonhar. Ela reúne a família para jantar e depois todos dormem juntos e a noite deixa o céu cheio de estrelas.”

A linguagem singela e vigorosa de Cristino Wapichana traz para a cultura escrita as histórias que moram nele desde sempre. Assim sendo, o autor caminha um pouco por suas memórias de infância, pelos costumes de sua família e pela criatividade de seu povo.

As ilustrações de Graça Lima são arrebatadoras. Ocupam inteiramente os espaços de todas as páginas com suas cores fortes e pinturas que remetem à arte dos povos indígenas. (Deslumbramento que já começa pela capa).

Primoroso projeto editorial, em papel couché e ótima impressão a 4 cores e cadernos costurados, guarda a narrativa ganhadora da Menção Honrosa no Concurso FNLIJ-UKA Tamoios de Textos de Escritores Indígenas de 2014. **MB**



PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA

O MELHOR LIVRO PARA JOVEM HORS-CONCOURS

Intramuros.

Lygia Bojunga. Casa de Lygia Bojunga.

A obra possibilita uma significativa experiência de leitura, pois apresenta os desafios do processo de escrita ao mesmo tempo em que a narrativa vai sendo construída. A capa revela uma foto atual da autora sugerindo que ela também estará presente no texto. A vida pessoal de Lygia mistura-se à trama criada, aproximando a escritora de sua criação. “Nos dias que se seguiram, não pensei mais na Nicolina porque tive que pensar e providenciar muita coisa necessária à minha migração pra Londres” (p. 12).

Nessa perspectiva, depoimentos pessoais da autora misturam-se à trama criada, que é recheada de diálogos, o que dá um caráter dinâmico ao texto.

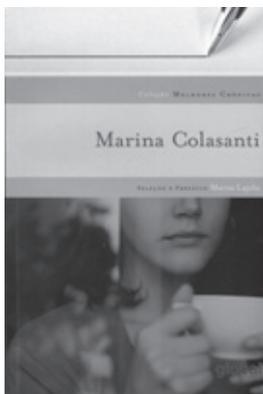
As personagens dialogam com a autora durante a narrativa, num movimento que requer do leitor um cuidado especial com a leitura para perceber as diferentes vozes que vão costurando o texto. Personagens assumem um papel importante no conjunto da obra e se misturam ao próprio ato de criação, sugerindo, inclusive, desfechos diferentes dos propostos pela autora, que é chamada de “coronela” pela personagem principal. A apresentação das personagens é realizada de forma leve e espontânea e seus destinos vão se entrelaçando. Assim chegam Nicolina, Vinícius, Nina, Rosário, Gari, dentre outros e encenam os papéis que lhe cabem nesse relato de tom autobiográfico: “um depoimento literário, um projeto de vida”.

Intramuros não apresenta capítulos organizados da forma tradicional como acontece na maioria dos romances, mas o livro é marcado por pequenas pausas na narrativa, que são indicadas por palavras e expressões como “Silêncio”; “Suspiro”. “E um pouco mais de silêncio”; “Um silêncio razoável”... Esses cortes revelam “silêncios” necessários à própria situação vivenciada pela personagem principal “Nicolina”: “Alta./ Magra./ Ainda nos seus vinte anos./ Sem dúvida, bonita./ Braços cruzados./ Impassível. Me olhando”. (...) (p. 13). Nicolina apresenta características pessoais que fazem com que o leitor a perceba como uma possível autista. Em situações difíceis, a forma de manifestar o seu incômodo é por meio de crises de riso, o que a torna uma personagem especial e intrigante ao longo de todo o texto. **GPELL**

Neste livro, a autora leva o leitor a viajar por vários locais londrinos na companhia de uma guia que sabe mostrar o que realmente desperta interesse cultural em uma cidade. É um livro cheio de diálogos com riqueza de personagens e discussões sobre o fazer literário. **NS**

Para um leitor íntimo de Lygia, surpreender-se diante de um novo livro é uma garantia indiscutível. Com *Intramuros* não é diferente. Nele, as barreiras do surpreendente são derrubadas pelo susto de deparar-se com as possibilidades, com as contradições de ser humano. Envolvido, desde o mais tenro início da construção dos personagens e da narrativa, o leitor vai constituindo uma certeza ou seria uma imensa dúvida: até onde a ficção? Até onde a realidade? Com a força e a sutileza que lhe são peculiares, Lygia constrói, como narradora-personagem,

mais um enredo que desvela os des(limites) do humano em suas relações. O diálogo, especialmente estabelecido com Nicolina, personagem central, é de tal maneira próximo e amalgamado que o leitor é completamente absorvido em sua complexidade. Na pele de narradora-personagem, uma Lygia, despida de reservas, apresenta-se. Mesclando sua própria vida a das personagens, a autora fala das suas “Casas”, da sua história, de seus sonhos e realizações, como se nunca tivesse tido nada a esconder. Uma vida que se abre se escancara livre, por meio da palavra, sempre, numa espécie de necessária gratidão pelo que o livro e o mundo que o cerca lhe proporcionam na maturidade. O susto? Ah...! O susto está lá, contido na complexidade desta ficção/realidade de Lygia/Nicolina, carecendo de ser vivido, sentido, mastigado, quem sabe, digerido. A Lygia tem dessas coisas. **CS**



PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA
O MELHOR LIVRO PARA JOVEM HORS-CONCOURS

Marina Colasanti.

Seleção e prefácio de Marisa Lajolo. Global

Com crônicas de Marina Colasanti cuidadosamente selecionadas por Marisa Lajolo, este livro brinda o leitor com o que há de mais poético, criativo e pulsante na obra da autora. No Prefácio, Marisa Lajolo justifica que seu critério de escolha foi “serem as melhores” crônicas de Marina Colasanti, autora que, segundo a organizadora, representa os cronistas, que são “observadores do seu tempo, que registram o que observam”.

Assim, ao longo do livro, nos deparamos com temáticas de amor e morte, de alegria e sabedoria, de fino humor e sensibilidade. É um livro simples, que deixa brilhar o texto fluido de Marina, encantando o leitor com princesas, animais, pessoas comuns, que vivenciam o que também experienciamos cotidianamente, muitas vezes sem nos darmos conta disso. **LWS**



PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA
O MELHOR LIVRO PARA JOVEM HORS-CONCOURS

A gravidade das coisas miúdas.

Jorge Miguel Marinho. SESI-SP

Conto breve? Crônica? Na verdade, não parece relevante definir um gênero quando se está diante de um texto que preza pela seleção e combinação das palavras com inventiva instigante. Os sentimentos humanos atemporais são desvelados naturalmente, sem retórica, delírio, extravasamento, pelo contrário, o autor os apresenta com delicadeza e se servindo das tais coisas miúdas que, na verdade, significam muito, essenciais no percurso de qualquer indivíduo que busca seu espaço para ser feliz. Há refinada intertextualidade para o leitor com conhecimento de mundo suficiente para percebê-lo. Música, filosofia, cinema, literatura, dentre outras artes, vêm embaladas primorosamente. A linguagem do texto é precisa, mas poética, imprimindo a estética do texto um ritmo que estimula o leitor a explorar registros, reflexões, elementos da narrativa de modo a (re) dimensionar sua própria existência. **MGP**

Marinho, autor do belíssimo *Te dou a lua amanhã*, entre outros, cativará, com certeza, os jovens com seus pequenos contos e um tanto de aforismos que compõem essa sua nova obra. Com uma limpeza textual imensa (não joga palavras fora), escreve contos enxutíssimos e aforismos extremamente pontuais e pertinentes em relação à dor, à alegria ou a qualquer outro sentimento que revele nossa humanidade, inserida no áspero cotidiano. Ora irônico, ora romântico, outras tantas jocoso, seus textos vão apontando nosso estar no mundo com todas as suas mazelas, mas também com seus intervalos para o amor – seu mote maior - para tristezas, traições, abandonos, encontros, situações triviais e achados que atravessam o estar no mundo de cada um. Não há como lê-lo, sem sentir-se tocado pelo inusitado, pelo singular da vida, mesmo que, aparentemente, ela seja igual para todos. **sc**



PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA
O MELHOR LIVRO PARA JOVEM

Um lugar chamado aqui.

Felipe Machado. Il. Daniel Kondo. SES1-SP

Era uma vez um lugar chamado Aqui. Aqui não era uma cidade, uma aldeia um país. Era simplesmente um lugar. Assim começa esse precioso livro que nos leva a pensar o que vem a ser um lugar e a relação dos lugares com os sentimentos. Distâncias, fronteiras e nacionalidades, físicas e virtuais. Texto e ilustração em perfeita sintonia para nos levar a percorrer intrincados mapas de diversas épocas. A linguagem, longe de ser um texto descritivo e didático, é atemporal e clássica, como uma fábula. **MC**

Aqui e lá são as referências de uma história de procura de encontros e entendimentos, idas e vindas; pouco se diz, pouco se conta, apenas se aponta que ele e ela desejavam encontrar um ao outro e que, ao fim, se encontram em uma geografia amorosa. Uma produção delicada, gentil e suave, em que textos e imagem se destacam no negro das páginas. **LP**



PRÊMIO FNLIJ LUÍS JARDIM
O MELHOR LIVRO DE IMAGEM

Uma criança única.

Guojing. V&R

Uma criança única é a linda história de uma criança pequenininha que sai de sua casa escondida dos pais e vai visitar a avó. No caminho, ela se perde, mas ganha a companhia de um cervo, que a acompanha durante todo o desenrolar da história, ajudando em todas as suas muitas dificuldades e até levando-a de volta para casa.

As ilustrações em preto e branco - às vezes ocupando páginas inteiras, outras vezes tomando a forma de histórias em quadrinhos - são belíssimas e agradam plenamente a visão e a alma do leitor.

O projeto gráfico é extremamente caprichado, com capa dura, formato retangular e tamanho grande. É um livro que recebe, com todo o merecimento, o adjetivo de excelente. **GM**

Uma criança única, da escritora chinesa Guojing, focaliza o tema da “infância única” e esse é o mote para a narrativa construída por imagem. Um livro de memória? Nascida na província chinesa de Shanxi, Guojing, como se apresenta na nota de paratexto ao livro, pertence a geração da política do filho único da década de 1980, na China. O livro é uma obra de arte, envolvido com capa resistente, as ilustrações levam o leitor a angustiante travessia da personagem criança que se perde e é protegido por seu amigo imaginário, o e ao mesmo tempo concreto, um alce. Um livro de imagem singular! **ED**

Este primoroso livro, por meio de quadrinhos de todos os tamanhos, páginas inteiras ou duplas, cores em variados tons de cinza, apresenta luz própria pela combinação dos elementos imagéticos. Os recursos da arte da ilustração são inúmeros, conduzindo o leitor e constantemente surpreendendo-o. A simples história de uma criança pequena que se perde, as intrincadas situações por que passa, adotada por um cervo que a ajuda na travessia, provoca no leitor profundo encantamento. A delicadeza dos traços esbatidos leva à sensação de flutuar, de pairar num mundo paralelo em que o leitor acompanha os acontecimentos. Sem dúvida, é uma viagem estética em forma e conteúdo. **MGP**



PRÊMIO FNLIJ MALBA TAHAN
O MELHOR LIVRO INFORMATIVO

Terra de Cabinha: pequeno inventário da vida de meninas e meninos do sertão.

Gabriela Romeu. Sandra Jávera. Fotos de Samuel Macedo. Peirópolis

No sertão verde do Cariri cearense, no meio do semiárido brasileiro, cabinha é o nome que se dá às crianças. Cabra-da- peste, cabrinha, cabinha. E os cabinhas caçam, brincam, inventam histórias, encantam jumentos.

Depois de muitas viagens para o Cariri, cresceu na jornalista e editora do caderno Folhinha, o desejo de escrever sobre suas vivências e mostrar, quebrando visões estereotipadas e preconceituosas, as brincadeiras de pés no chão e outros saberes. Depois de ouvir muitas vozes, a obra terminou por apresentar diferentes aspectos do universo do sertão do Cariri. A autora recolheu relatos e adivinhas, e aqui nesta obra narra contos fantásticos e lendas e discorre sobre criaturas encantadas como a Caboclinha e Fulozinha, envolvendo o leitor nas crenças do não-visto.

As informações chegam ao leitor por um viés, às vezes lúdico, às vezes literário quando descreve cenas, costumes e rezas. Passeamos pela brincadeira de pular carniça (com seus diferentes nomes) e pelo trancelim (pular elástico). Alguns poderão se assustar com a revelação das várias técnicas para caçar passarinho. Mas não deixarão de se encantar, com certeza, com a narrativa sobre o Reino da Pedra ou sobre o tempo em que “o sertão vai virar mar”. Ou quando conhecerem o vô sertanejo que sabe a língua dos animais. Brincadeiras, relatos de frutos colhidos no quintal, a temporada do jogo do pião (nos meses de chuva), o louvor aos santos e a temporada dos brincantes pidões – os caretas –, a tradição de roubar a imagem de São José, caso não chova até o dia 19 de março nos chegam pela interessante e criativa escrita da autora.

Do caderninho de registro da autora nos chegaram informações preciosas sobre o tempo de Reis, a confecção do futebol de vidrinhos ou a arte de fazer uma

peteca. O leitor poderá se deliciar também com cantigas de ninar, com os diferentes mestres e, principalmente, com as histórias contadas na boca da noite. Há uma relação interessante entre o livro impresso e a internet, através diversos acessos a QRcode, possibilitando a construção de um conhecimento maior sobre diversos assuntos.

O olhar curioso e encantado do cabinha Samuel Macedo e as leves pinceladas da artista Sandra Jávera, enriquecem os diversos relatos singelos e líricos de Gabriela Romeu. Assim o leitor pega um trem fantástico para o Cariri, a terra do Cabinha, onde se misturam sonhos, estéticas múltiplas, oralidade, tempos e espaços diversos.

Uma produção bem cuidada, muito original, certamente merecedora do prêmio FNLIJ Malba Tahan – O melhor livro informativo de 2017. **MB**

- O primoroso projeto gráfico-editorial de *Terra de cabinha: pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão*, de Gabriela Romeu, traz, além das incríveis fotos de crianças em ação, seus brinquedos, e de locais da região do Cariri, no sertão cearense, ilustrações singelas, com linhas e formas simples que resultam em composições com características da arte naïf. Os paratextos complementam a obra e introduzem o leitor no mundo mágico da infância do sertão: apresentação, prefácio do músico Alemberg Quindins, texto introdutório de Gandy Piorski, artista plástico e especialista na cultura da infância, o pós-fácio escrito pela autora, além de informações sobre autora, ilustradora e fotógrafo. Quanto ao conteúdo, o livro traz informações interessantes e muito próprias da região do Cariri para encaminhar o inventário de histórias, causos, adivinhas, receitas, brinquedos e brincadeiras das crianças que habitam esse universo mágico: os cabinhas, diminutivo “caba do sertão” (cabra). **AM**

Terra de cabinha nos traz um pouco das brincadeiras das crianças do sertão brasileiro, cercadas de pobreza, mas também de criatividade e espontaneidade. No livro, informações sobre o sertão se mesclam com as brincadeiras dos cabinhas, como são chamadas as crianças. Há também pequenas histórias, poemas e músicas.

O livro é ilustrado com desenhos feitos pelos cabinhas e por fotos que mostram os cenários e as crianças, convidando o leitor a aproveitar dessa infância livre e de pés no chão. Todo o projeto gráfico-editorial é colorido, agradável, adequado à proposta do livro, quase um almanaque do sertão.

Trata-se, portanto, de leitura importante para conhecermos um pouco mais do nosso país, por meio das brincadeiras que muitos de nós experimentamos quando pequenos, mas que as crianças de hoje talvez sequer conheçam. Conhecendo as brincadeiras e o olhar dessas crianças do sertão, quem sabe os cabinhas das cidades grandes consigam respeitar as diferenças e valorizar a liberdade. **LWS**

Que infância(s) tantas habita o solo brasileiro? Que brinquedos e brincadeiras cibandam pelas mãos das crianças? No livro *Terra de Cabinha: pequeno inventário da vida de meninos e meninas no sertão*, Gabriela Romeu, na companhia do fotógrafo Samuel Macedo e da ilustradora Sandra Jávera, desenvolve um inventário de narrativas, brinquedos, brincadeiras e outras coisinhas miúdas do entorno da infância de meninos e meninas do sertão nordestino. O formato do livro, de cantos arredondado, e a diagramação repleta de cores, alternando fotografias e ilustrações, compõe uma feitura singular. **ED**



PRÊMIO FNLIJ ODYLO COSTA, FILHO

O MELHOR LIVRO DE POESIA HORS-CONCOURS

Um dia, um rio.

Leo Cunha. Il. André Neves. Pulo do Gato

Apesar de percorrer com a sutileza das palavras de Leo Cunha e das imagens de André Neves, o tema do livro árduo. O Rio Doce engolido pela lama de uma mineradora. No entanto, apesar da tristeza, da denúncia, o livro traz vida e resistência. O encontro dos autores nos proporcionou uma obra de rara beleza. **MC**

Nesse livro de Leo Cunha, ilustrado por André Neves, o rio Doce é o protagonista da sua própria história. Utilizando-se da primeira pessoa, o rio vai narrando seu passado. Conta as aventuras dos pescadores, as lembranças dos viajantes que cruzavam suas águas, os cantos dos menestréis que alegravam as cidades

por onde passavam. Era um rio de águas doces e cheio de encantos. De repente transformou-se – o que era leite virou lama, suas margens tornaram-se da cor da ferrugem. O rio sentiu que estava contaminado e chorou. Na parte em que a narrativa poética descreve a poluição do rio, as imagens de André Neves destacam a lama que tomou conta de tudo ao redor. Um menino com a cabeça dentro do balde lamenta: “Eu era doce, hoje sou amargo”. Nas últimas páginas, os peixes se transformam em esqueletos cobertos de lama, mas aparece uma mensagem de esperança:

Flores nascem no deserto,
a água brota da rocha
E a luz, da escuridão,
Serei um rio,
Um dia. **NS**

O desastre ambiental sem precedentes no distrito de Bento Rodrigues, localizado no município de Mariana (Minas Gerais/Brasil) provocado pelo rompimento de duas barragens de rejeitos de minério de ferro da empresa Samarco, em 05 de novembro e 2015, potencializa as discussões sobre os cuidados e preservação com o meio ambiente, a partir do cenário de desolação que tomou conta da região e se estendeu por outros estados; rios e córregos foram engolidos por lama; a vida marinha extinta: peixes soterrados; solo esterilizado sem possibilidade de vida, tal resultado demonstra como a natureza é frágil impotente diante da ação humana.

O discurso de defesa e preservação da natureza, bem como de políticas de sustentabilidade ecoa por diferentes redes e se anuncia como imprescindível neste século XXI em que a natureza grita. Uma nova consciência e comportamento dos cidadãos – crianças, jovens, homens e mulheres – gentes de todas as etnias, gêneros e classes sociais – é exigida nestes tempos marcados pelo consumo descartável e aligeirado dos bens de consumo. Seria possível promover práticas de cuidado e proteção do meio ambiente por meio do texto literário sem cair em discursos moralizantes e esvaziados? A literatura para crianças e jovens tematiza em suas narrativas a problemática ambiental?

Um dia, um rio de Leo Cunha, com ilustrações de André Neves, traz para o cenário da literatura e para infância essa discussão tão dura de forma sensível e encharcada de poeticidade. Na correnteza barrenta do rio em suspensão as palavras navegam denunciando, mas ao mesmo tempo anunciando possibilidade

de redenção. As ilustrações de André Neves, por certo, impactam o leitor o desmobilizando do seu olhar cotidiano ao focar nos pequenos restos/objetos cobertos de barro/lama.

Os dizeres dessa narrativa instaura outra maneira de trazer as discussões ambientais sobre os lugares que habitamos e que nos habitam, de forma singular e distinta do cotidiano, inaugurando um olhar alargado sobre o tema. **ED**

O tema deste livro é pesado e triste: a obra aborda o desastre do Rio Doce, que em 2015 foi encoberto por lama da mineração. No entanto, o autor Leo Cunha e o ilustrador André Neves conseguem tratar essa temática séria com leveza, sensibilidade e delicadeza. Esta é a função da boa literatura.

Como de costume, Neves dá um show com suas ilustrações. Grande parte da leveza do livro se deve às suas ilustrações delicadas, ainda que sempre muito impactantes. Cabem ainda elogios ao projeto gráfico que, apesar de simples, é impecável, completando a qualidade do livro. **GM**



PRÊMIO FNLIJ ODYLO COSTA, FILHO
O MELHOR LIVRO DE POESIA

Cada coisa.

Eucanaã Ferraz. Il. Eucanaã Ferraz e
Raul Loureiro. SESI-SP

Como fazer poesia sobre coisas simples como, por exemplo, uma cadeira?

“Que dizer sobre ela?

Sempre tão certa

E sempre tão perfeita

E sempre tão amável

Amo a cadeira.”

Objetos comuns, transformados em poesia. Simplesmente.

Eucanaã Ferraz oferece ao leitor um inventário poético, em ordem alfabética, de objetos comuns que parecem pertencer ao passado:

Vem o poeta na contramão do mundo pós-moderno. Lembra-nos a liquidez de que nos fala o sociólogo Zygmunt Bauman (falecido em janeiro de 2017) e crítico da sociedade de consumo. Vem o poeta contra o que nasce e morre rapidamente, a liquidez das coisas que se perdem no tempo e na memória.

Eucanaã Ferraz propicia ao leitor uma experiência estética com a palavra, com seus versos rimados ou livres e também com a forma (algumas poesias concretas). As diferentes formas de ilustrar cada poesia, usando figuras antigas e modernas, recortes e colagens, fotografias e reproduções, desenhos e até a palavra chave, que ilustra o poema de mesmo nome são um deleite para os olhos- “uma visualidade nova para o que está dito com as palavras” (Graça Ramos. In *A imagem nos livros infantis – caminhos para ler o texto visual*. Autêntica). O ritmo visual acompanha o ritmo dos poemas, compondo uma só estrutura narrativa. Nesse sentido, *Cada coisa*, de Eucanaã Ferraz é um livro para qualquer idade, de grande beleza pelo esmero em sua edição. Poesias e ilustrações originais e criativas poderão propiciar ao leitor momentos de ludicidade e emoção. Um objeto estético primoroso.

O projeto gráfico de Raul Loureiro, que já participou de outras obras de Eucanaã Ferraz (*Bicho de sete cabeças e outros seres fantásticos* e *Palhaço, macaquinho, passarinho*) em muito contribuiu para a qualidade da obra.

A guarda do livro é ilustrada por um painel de divertidas fotografias de crianças; a contra-capas, o miolo do livro, cada folha, cada pedaço de página é primorosa e artisticamente ocupada.

Assim, criadoramente, poeta e designer gráfico seguram na mão de folhas em branco e estas se entregam para que nasçam as artes: a visual e a literária. Criado, o objeto-livro toca o leitor, emocionando com vivências sobre coisas simples, que passeiam no tempo e nas formas. **MB**

O projeto gráfico do livro *Cada coisa*, de Eucanaã Ferraz, mostra-se muito bem realizado e adequado aos jovens leitores. As ilustrações do autor e de Raul Loureiro apresentam-se em perfeito diálogo com os poemas, com recursos valiosos para interagir com leitores em todos os detalhes – fotografias, recortes, colagem, imagens computadorizadas – que reforçam o caráter de inventário de coisas antigas em ambos os níveis: verbal e não verbal. Capa e contracapa duras abrigam páginas de guarda com fotos de adolescentes em branco e preto, e, na

contracapa, o poema “Coisando” justifica o caráter criativo da obra – “Gosto de coisar nas coisas”. Os poemas, em ordem alfabética, têm formas e temas diversificados, versados na poetica inusitada dos objetos do cotidiano, transformados pela invenção do poeta: “A máquina de balanço,/ a cadeira de lavar louça” (“Coisas novas”). Coisas como anzol, bicicleta, chave, ovo, grampo cabelo, e tantas outras, contaminadas por recursos da linguagem poética, que valorizam a liberdade da expressão, surgem em novas possibilidades de significação. **AM**

Eucanaã é um grande poeta! E grande é sua poesia. Autor conhecido pela sua capacidade de invenção, agora presenteia os leitores, de todas as idades, com esse livro, que é um primor de trabalho editorial. Numa simbiose entre a ilustração e o texto escrito nos mostra que a poesia está em tudo, no cotidiano, nas coisas e nos sentimentos. A começar pela capa, dura, com uma ilustração bastante sugestiva sobre objetos que são tocados por um homem, a curiosidade do leitor é despertada para as demais páginas que anunciam muitas outras fotografias, desenhos, e a disposição gráfica dos textos, remetendo sempre ao objeto, “a coisa” a qual o autor se refere. Falando sobre o livro nos diz o autor: “Há algo museográfico no livro, sem dúvida. Sua estrutura – em ordem alfabética, com os títulos quase sempre limitados a nomear a coisa-objeto – é um exercício de aproximação com as enciclopédias”. E assim ele vai atualizando as imagens e as modernizando como no poema Coisas Novas. Uma curiosa e divertida produção que a gente ao terminar é instigado a voltar e reler, reler e reler cada poema, a nos sugerir muito mais significações. Belo trabalho para leitores que apreciam a poesia como uma forma de brincar e se divertir com palavras de múltiplas significações, em meio a uma página – em branco. **IC**



PRÊMIO FNLIJ GIANNI RODARI
O MELHOR LIVRO-BRINQUEDO

Monstros do cinema.

Augusto Massi. Daniel Kondo. sesi-sp

Categorizado como livro brinquedo *Monstros do cinema*, de Augusto Massi, Daniel Kondo, traz onze personagens-monstros do cinema que brincam com o leitor ou que o leitor brinca imaginativamente ao montar e desmontar a partir das dobras recortadas do livro – misturando personagens. Por certo, a construção da arquitetura do papel e a pesquisa dos monstros no cinema – panorama histórico de sua aparição no cinema – exigiu dos autores fôlego. **ED**

Como consta na Capa do livro destina-se “Pra toda a Família”, ou seja, uma delícia para diversão de várias gerações. O objeto livro é além de divertido, um primor de projeto gráfico pois é dividido em 3 partes, cortadas, para serem remontadas, de acordo com o gosto do leitor. Uma seleção de 11 monstros que proliferaram em vários gêneros, como os quadrinhos, na ficção científica, no teatro, nos brinquedos e no cinema são apresentados em páginas inteiras, com características popularizadas no cinema dos séculos xx e XXI. À medida que se folheia o corte da página o leitor poderá montar e remontar o monstro, dando origem a outro ou algo parecido. E assim vai-se até as últimas páginas como a se elaborar várias leituras dos velhos e conhecidos Frankenstein, Drácula, King Kong, Múmia, E.T e outros. Uma bela homenagem à sétima arte e um meio de brincar com os monstros prediletos de cada um, como afirma Augusto Massi, um dos autores. **IC**

Quem nunca foi um monstro quando era pequeno? Com esta provocação, Augusto Massi e Daniel Kondo nos convidam a participar de uma leitura divertida, conhecendo os mais famosos monstros do cinema e inventando outros

monstregos, com muita criatividade e alegria. Destaque para o cuidadoso projeto gráfico, que permite a brincadeira e se torna um convite para soltar a imaginação. O cuidado está presente nos menores detalhes: da indicação de Cora Rónai, na contracapa do livro, à caracterização minuciosa e divertida dos personagens; da precisão nos cortes das páginas à apresentação ao depoimento dos autores no final do livro. O resultado é um bem-humorado livro lúdico, em perfeita interação com os leitores, “monstrinhos de o a 99 anos”, mais uma mostra do tom que permeia o livro. Risadas garantidas para toda a família. **CS**



PRÊMIO FNLIJ LUCIA BENEDETTI
O MELHOR LIVRO DE TEATRO

Quem tem medo de curupira?

Zeca Baleiro. Organização de Gabriela Romeu.
Il. Raul Aguiar. Companhia das Letrinhas

Trata-se de uma sequência de 17 cenas teatrais, de Zeca Baleiro, com organização de Gabriela Romeu. Texto e música complementam-se para reavivar os mitos de nosso folclore, trazendo à criança de hoje elementos importantes da tradição brasileira. A recuperação da cultura oral em mescla de linguagens (verbal, musical e visual) ressignifica o mundo infantil, fazendo-a conhecer suas origens, seu passado e, conseqüentemente, seu presente. **VA**

O livro *Quem tem medo de curupira?*, do cantor, compositor e autor Zeca Baleiro, narra as preocupações dos bichos da mata.

Numa reunião junto à Mãe-d'água, Saci, Boitatá e Curupira, Caipora levanta sua preocupação: as pessoas vêm deixando de acreditar na existência deles. Isso faz bastante barulho entre os presentes, pois cada um tem suas necessidades para existir. Ao perceberem que as crianças e os livros estão os deixando de lado, ficam preocupados com o futuro. Para piorar, um homem aparece na mata e Curupira, para testar sua força, vai tentar assustá-lo. Volta desapontado, pois

o homem não se assusta e diz que não acredita em Mãe-d'água, Saci, Boitatá, Caipora e Curupira.

Eles então armam então um plano: ir à cidade e ver se as pessoas ainda os temem. Chegando lá, cada um vai para um lado. No horário marcado para a volta, relatam o que viram e descobrem que não assustaram ninguém - mas, sim, se assustaram com eles mesmos. O texto é bem-humorado, divertido e bastante pertinente ao universo infantil. **GM**

Em *Quem tem medo de Curupira*, os protagonistas, seres de nossa mitologia, como o Curupira, a Mãe-D'Água, o Caipora, o Saci e o Boitatá, apresentam-se inconformados com o fato das pessoas terem deixado de acreditar na sua existência, relegando-os ao esquecimento e, em última instância, ao desaparecimento. Iniciam, então, uma jornada rumo à cidade, onde encontrarão personagens deslocadas, tanto quanto eles, em razão dos perigos da modernidade. Esses elementos complicadores constroem a curva dramática até a solução do conflito, que se dá com a revelação do Curupira no sentido de que, agindo em um parque da cidade, as pessoas voltaram a se assustar com sua desconhecida figura. O desfecho acontece com o retorno das criaturas ao seu habitat, condicionado à promessa de um futuro retorno. O texto, lúdico e envolvente, enfoca o embate entre a tradição e a modernidade, e a possibilidade da convivência entre ambas como forma de manutenção da identidade. Tudo isso sublinhado por canções que comentam, de forma eficiente, a ação dramática. **FF**



PRÊMIO FNLIJ CECÍLIA MEIRELES
O MELHOR LIVRO TEÓRICO HORS-CONCOURS

Ponto de fuga: conversas sobre livros.

Ana Maria Machado. Companhia das Letras

Este livro de ensaios de Ana Maria Machado reúne treze textos originados, em sua maioria, de palestras proferidas em diferentes ocasiões entre 1988 e 2011.

Nota-se a preocupação da escritora com problemas ligados à leitura e à literatura infantil no Brasil. Na palestra apresentada no Seminário de Literatura em Português da Universidade de Oxford, Ana Maria chama a atenção para o instinto de nacionalidade da literatura brasileira que já foi ressaltado, entre outros, por Machado de Assis, Érico Veríssimo, Darcy Ribeiro. Merece também destaque a palestra que apresentou na Academia Brasileira de Letras – “Pelas frestas e brechas: A importância da literatura infantojuvenil brasileira”. Nesse texto, a autora revela os traços característicos da literatura infantil brasileira e seus momentos mais significativos. Temas ligados à leitura e à literatura infantil caminham lado a lado com pesquisas contemporâneas em neociências. Relatos de experiências próprias convivem fraternalmente com experiências vividas por outros escritores. O importante disso tudo é a confiança que a autora de “Ponto de fuga” deposita na sobrevivência da leitura e do livro. Apesar de todos os problemas, acredita no “poder criativo do homem manifestado através da palavra”. **NS**

Ana Maria Machado é narradora fabulista, fabulosa. Mas também se propõe sempre e com muita força a pensar a literatura, mulher, a leitura e sua promoção. Nos ensaios que compõem este livro, produzidos ao longo de anos de estudar e viajar dizendo sobre os sentidos e as possibilidades de ler ela contribui com sua reflexão, para a formação crítica do jovem leitor e daqueles que se propõe a formá-lo. **LP**

Em treze artigos escritos e publicados ao longo de nove anos, entre 1996 e 2005, Ana Maria Machado, com a sofisticação e a clareza que lhe são características, convoca o leitor a pensar sobre livros, leitura, literatura, infância, educação e formação de profissionais na área. Sem oferecer receitas e até mesmo questionando-as, os textos apresentados em *Ponto de fuga: conversas sobre livros*, muitos deles motivados por conferências em congressos e seminários sobre leitura, nacionais e internacionais, mostram-se absolutamente atuais e pertinentes no contexto brasileiro. **FF**



PRÊMIO FNLIJ CECÍLIA MEIRELES

O MELHOR LIVRO TEÓRICO

Literatura infantil e juvenil: do literário a outras manifestações estéticas.

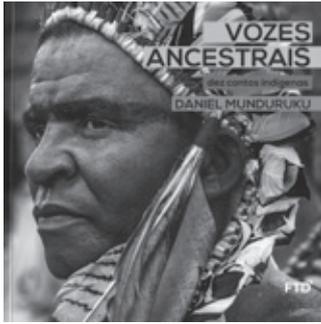
Eliane Debus, Dilma Beatriz Juliano e Nelita Bortolotto. UNISUL

A obra é bastante representativa do trabalho profícuo e contínuo do grupo de estudos vinculados à Literatura Infantil e Juvenil atuante em Santa Catarina. **RZ**

Este livro reúne dez artigos cujas temáticas variadas abarcam literatura, cinema, ensino, intertextualidade etc. Os autores são pesquisadores de diversas instituições, que produziram seus artigos para eventos de literatura infantil e juvenil ocorridos em Santa Catarina, em 2014. A importância desta obra decorre da necessidade de, cada vez mais, incentivar a leitura e a pesquisa de material destinado ao público infantil e juvenil, visando a formar leitores críticos.

Ao final de cada artigo, as referências bibliográficas descortinam para o leitor uma profusão de obras a serem consultadas sobre os temas tratados. Com isso, quem lê este livro consegue ter uma ideia de parte do que se produz e se pesquisa sobre literatura infantil e juvenil no Brasil. **LWS**

Atualmente há muitos livros teóricos sobre literatura infantil e juvenil, o que só ratifica a relevância do gênero. Sem dúvida, alguns com mais qualidade do que outros. A obra em questão, no entanto, extrapola a literatura, usualmente estudada em seus aspectos variados. Focaliza também outras artes, enriquecendo a formação do leitor, assim, enfatizando a necessidade de uma educação estética ampla. A linguagem, embora cuidada, é coloquial, facilitando o acesso aos interessados, com níveis de escolaridade diferentes. A leitura flui com facilidade, o que só mostra como qualquer embasamento teórico se pode internalizar. O modo é que importará no sucesso. **MGP**



PRÊMIO FNLIJ FIGUEIREDO PIMENTEL
O MELHOR LIVRO RECONTO

Vozes ancestrais.

Daniel Munduruku. FTD

A tradição oral dos povos indígenas é um forte instrumento para ensinar às gerações mais novas a história de seu povo e os conhecimentos acumulados durante milhares de anos. Daniel Munduruku reuniu nesse livro as histórias contadas tradicionalmente em diversas aldeias brasileiras.

Como, para os índios, essas histórias são consideradas coletivas, aguardou a autorização das comunidades e as recontou, procurando preservar o modo tradicional de narrar de cada um e sua poética milenar. Mas ao traduzi-las para o português e para melhor proveito do leitor, deu contribuição própria ao estilo das narrativas que recolheu.

Mais que textos no papel, os contos desses tempos de beleza e encantamento da cultura de povos ancestrais oferecem ao leitor um contato com outras formas de contar as realidades do mundo, suas origens ou o sentido do existir. Histórias de uma diversidade de povos, suas memórias, hábitos, sons, costumes, ritos, em que muitas vezes a natureza fala pelo som do vento, pela lua e seres materiais ou espirituais se comunicam e a vida se harmoniza ou desafia.

O projeto, belíssimo, proporciona ao leitor uma referência visual, com fotos de locais ou membros de cada etnia, muitos com seus adornos, pinturas e grafismos como símbolo de reconhecimento. Após cada conto, temos um breve histórico com significado de nomes, origens e população atual, informações valiosas para situar o leitor de parte da multiétnica da sociedade brasileira. Há ainda um glossário e mapas com a região do Brasil habitada atualmente por cada etnia.

Valioso também é o texto final do professor, linguista e indigenista Wilmar D'Angelis que aborda as migrações dos povos indígenas, suas diferenças culturais e formas de transmissão oral. De acordo com o professor, esse livro oferece uma chance ao leitor de contado com essas tradições milenares, mas ressalta:

“Se alguém quiser conhecer verdadeiramente a literatura oral de uma sociedade indígena, deve procurar seus sábios diretamente e, se possível, aprender a língua e entrar, aos poucos, na riqueza e na beleza de suas culturas.”

Pelo reencantamento que essas belas histórias proporcionam, pelo empenho e respeito com que foram recontadas e pelo gostinho de quero mais que proporcionam, este livro merece ser premiado. **TP**

Um projeto gráfico belíssimo e cuidadoso é um dos tons marcantes dessa obra da editora FTD, que reúne 10 contos, selecionados por Munduruku, para apresentar um pouco da riqueza cultural de diferentes povos indígenas que habitam o Brasil. Os contos, na sua maioria, mitos de origem ou de iniciação, além de histórias admonitórias, vem acompanhados de fotografias significativas que revelam um pouco mais da singularidade de cada uma das etnias escolhidas. Para complementar, uma página colorida e com letras em fontes maiores, apresenta a língua, o número aproximado da população e o estado ou estados nos quais vivem e/ou surgiram cada uma delas. Sem dúvida, uma obra importante para todos os que pesquisam ou se interessam pelas tradições, crenças e identidade cultural desses nossos ancestrais. **SC**

Este livro traz histórias indígenas de diversos povos brasileiros – Paiter Suruí, Tikuna Magüta, Maraguá, Tabajara, Krenak, Kaingang, Nambikwara, Kadiwéu, Umutina e Kurâ-Bakairi. As narrativas oferecem ao leitor a compreensão do mundo de formas distintas daquela que se consolidou na tradição ocidental, formas em que a natureza é ser vivo e ativo, e que exige respeito e admiração. **LP**



PRÊMIO FNLIJ HENRIQUETA LISBOA
O MELHOR LIVRO DE LITERATURA EM
LÍNGUA PORTUGUESA

O lagarto.

José Saramago. Xilogravuras de J. Borges.

Companhia das Letrinhas

O lagarto é um conto que está inserido no livro de crônicas “A bagagem do viajante”, de José Saramago. O texto foi resgatado pelos organizadores da obra do autor e se tornou uma obra infantil. É deleite para crianças que gostam de histórias fantasiosas. Alguns aspectos chamam a atenção do leitor: a riqueza do linguajar lusitano e as expressivas ilustrações do xilógrafo brasileiro J. Borges. Saramago era admirador do trabalho de J. Borges. Certa vez, assim se referiu ao xilógrafo pernambucano: “Borges compreende o mundo de forma aparentemente simples e ao mesmo tempo profundo”.

O autor de *O lagarto* era também poeta e a história termina com esses versos:

Calados, muitos recordam,

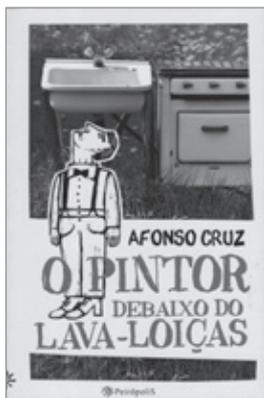
Na prosa das suas casas,

O lagarto que era rosa,

Aquela rosa com asas. **NS**

Narrado em primeira pessoa, o livro brinca com o conto de fadas, ao trazer o caso do jacaré que aparece em pleno Chiado, apavora todo o mundo e, por intervenção das fadas, transforma-se em uma enorme rosa vermelha e depois em uma pomba branca. Ao trazer a fantasia para o espaço urbano, Saramago mostra ao leitor a função mágica e lúdica da literatura, acionada pela imaginação. O projeto gráfico-editorial distribui bem a matéria e chama a atenção da criança pelas ilustrações em traços dinâmicos e cores vivas. **VA**

Não há como não consagrar a narrativa inventiva e irônica de José Saramago. Uma história, por ele definida, como de fadas, que não aparecem e que já ninguém acredita. Um lagarto surge no Chiado, grande, verde, olhos de cristal negro, corpo coberto de escamas, longo e ágil rabo e língua bífida. O pânico se instaura, até que depois de mobilizar, bombeiros, forças armadas para enfrentar o lagarto, as fadas intervêm muito embora “por manifestação” indireta e o lagarto se transforma “numa rosa rubra”. E sempre duvidando conclui: “Há por aí quem não acredite? Eu bem dizia: isto de fadas já não é nada o que era”. **MC**



PRÊMIO FNLIJ HENRIQUETA LISBOA

O MELHOR LIVRO DE LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

O pintor debaixo do lava-loiças.

Texto e ilustrações de Afonso Cruz. Peirópolis

Afonso Cruz, com seu *Pintor debaixo do lava-loiças*, conseguiu com vigor e poesia nos atingir no peito, olhos, ouvidos, cabeça e coração. De fato, nos avisou que o faria, na contracapa:

“É por isso que estou a contar esta história. Porque são as coisas que estão dentro de nós e em que ninguém repara quando nos olha. Temos uma paisagem muito grande que não se vê, a menos que nos debrucemos para dentro e mostremos aquilo de que lembramos. Nada é tão forte como as coisas que se veem...”

Pois vemos: no “livro dos olhos acesos”, no “livro dos olhos apagados”, nas ilustrações simples e precisas de olhos, muitos olhos, grandes orelhas, homens e pássaros, vemos, da introdução ao epílogo, com o coração na mão. Leitores, é uma experiência e tanto ver o próprio coração na mão!

Vemos/vivemos quase um século, duas guerras, muitas revoluções.

Jozef Sors, que nasceu em 1895, lembra Hans Castorp de Tomas Mann, só que para ele não tem Montanha Mágica, não tem refúgio. Sors é bolinha pequena no jogo da vida. Se Hans Castorp não resiste à primeira descida ao mundo dos reles mortais e morre nos seus primeiros dias de guerra, Jozef Sors sobrevive às duas grandes guerras mundiais. Talvez porque seja só um pintor debaixo do lava-loiças, ou justamente por isso.

O mesmo pintor que pintou o quadro que está pendurado na entrada de uma casa da rua do Alto da Fonte, na Figueira da Foz. Que achado! É aí que ficção e realidade se misturam e agora somos nós vendo o século vinte passar à nossa frente, feroz como uma manada de elefantes enfurecidos, assustador como um trem descarrilhado e maravilhoso como uma tempestade de verão.

O Pintor debaixo do lava-loiças leva o primeiro lugar porque é impossível levantar a cabeça e sossegar a alma antes da última página. E porque, mesmo depois dela, por muito tempo a história de Josez Sors nos acompanhará. **TP**

Este livro, escrito e curiosamente ilustrado por Afonso Cruz, poderia ser brevemente definido como um belo romance de formação. O leitor é convidado a acompanhar a história do protagonista, Jozef Sors, fazendo parte de seu crescimento e experimentando suas descobertas, conflitos e tristezas – as alegrias são quase inexistentes. Jozef Sors é marcado por uma existência incomum, intimamente ligada à arte, lírica em alguns momentos, ácida em outros, mas invariavelmente narrada com intensidade, delicadeza e, de alguma maneira, humor. Um livro marcante. **FF**

O português Afonso Cruz, entremeando realidade e fantasia, cria uma obra singular para jovens, cujo mote principal é mostrar a importância de vermos o mundo, a partir do olhar verdadeiro que – segundo ele – é aquele que se debruça sobre si mesmo. O protagonista da história criada por Cruz, que apoiou-se em referências de um mundo marcado pelas duas guerras mundiais, é Josef Sors, nascido no Império Austro-húngaro. Ao nascer, Sors já causa o pranto em sua mãe, ao ouvir da parteira, aquilo que seu menino já revelava, a partir de seu olho esquerdo: de que seria um artista. Seu pranto veio da concepção que tinha sobre a arte, que fazia com que seus adeptos olhassem o mundo de forma diferente, ou seja, de que não havia “nada mais triste do que ser um artista e olhar o mundo como se o visse pela primeira vez” p.16. Para a mãe, um símbolo de infelicidade; para o filho, aquilo que traça seu caminho todos os dias. Lindo romance de formação, não somente para jovens, mas para todos que gostam do contato com um bom texto. **sc**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO ADAPTAÇÃO CRIANÇA

O conto do carpinteiro.

Texto e ilustrações de Iban Barrenextea. Tradução Eduardo Brandão. Companhia das Letrinhas

Em 2010, Iban Barrenetxea, escritor e ilustrador basco inicia sua carreira com livros ilustrados. De quatorze livros que ilustrou, três são escritos por ele. Numa entrevista declara: *Leitores não são feitos através de livros fáceis; quem é um grande leitor tornou-se assim ao ler “bons livros”.*

Em *O Conto do Carpinteiro*, o personagem Firmin é um laborioso carpinteiro que fabricava objetos de madeira muito perfeitos. Rodas tão perfeitas que “um olhar bastava para fazê-las rodar” ou “colheres com as quais a sopa de cebola ganhava sabor de sorvete de framboesa”. A fama de Firmin se espalhou pelas redondezas e até o barão von Bombus resolveu usufruir de seus serviços. A partir deste ponto a história caminha pelo mundo fantástico da imaginação, com seus personagens com características bem definidas: Firmin – persistente, trabalhador, humilde. Barão – efusivo, impulsivo, irresponsável.

O humor, o non-sense presentes na trama podem propiciar muitas reflexões. O Barão perde os braços, as pernas e a cabeça. E a cada perda de seus membros em batalhas aleatórias, o Firmin é chamado para substituí-los por outros talhados em madeira.

O cuidado em contar esta boa história vem refletido no rigor do uso das palavras, o que muito enriqueceu o texto literário. As situações inusitadas provocam rupturas com o linear e seduzem o leitor.

O traço de Iban Barrenetxea tornam familiares as figuras esguias, de longas pernas, muito redondas. Quase caricatas.

A arte do ilustrador e autor vai surpreender, provavelmente espantar o leitor quando uma das imagens se apresentar composta de 3 páginas que se juntam a uma outra, ultrapassando o tamanho do livro. Tudo grandioso, como o poder do Barão!

E assim Iban Barrenetxea finaliza: Após receber como recompensa bolsas repletas de ouro, o médico, a baronesa, o ministro e o cardeal exclamam alegremente:

“– Excelente trabalho, senhor carpinteiro, excelente! Esta cabeça de madeira é sem dúvida nenhuma melhor que a original!”

Outro final é acrescentado à história, ou a continuação da história poderá ser pensada se o leitor não fechar o livro. Ao apreciar a última imagem a história continuará com o leitor, com certeza!

O cuidado com a produção gráfica, a impressão em papel couché, as cores utilizadas ressaltam e dão suporte a um incrível texto e às belas ilustrações de Iban Barrenetxea. **MB**

O ponto de partida de *O Conto do Carpinteiro* é o encontro entre dois homens, ambos mestres em seus ofícios: Firmín, o excelente carpinteiro que conserta e constrói e o glorioso Barão von Bombus que guerreia e destrói.

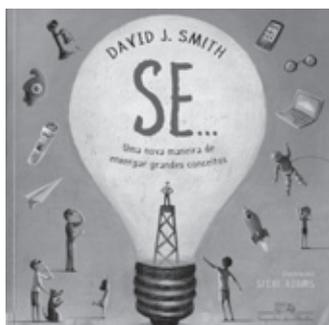
Ao longo do livro, personagens, cenários e ação se apresentam ora em texto, ora em ilustração. Primeiro o leitor é conduzido pelas incríveis imagens de um texto poético, ritmado e bem humorado. Depois passeia por conta própria pelas belas ilustrações, divertidas e ricas em subtextos. Algumas delas em dobraduras, para comportar tudo que nos foi contado, com muitos detalhes e algumas pequenas intervenções surpreendentes.

Para ficar perfeito, o encontro entre o dedicado carpinteiro e o alucinado barão da guerra nos leva a um dos finais mais felizes da literatura infantil. Uma delícia que pode ser aproveitada por crianças de todas as idades, inclusive pelas que nem sabem ler. Uma história universal, sobre guerra, amor e paz, contada com a leveza de um sonho bom. Talvez o melhor e maior sonho da humanidade.

Para alegria e encantamento de muitos leitores, *O Conto do Carpinteiro*, escrito e ilustrado por Iban Barrenetxea, editado com esmero pela Companhia das Letrinhas, já chega às nossas mãos com cara, voz e espírito de clássico. **TP**

Um carpinteiro capaz de fazer peças tão perfeitas que ganhavam vida própria. Este era Firmín. O enredo se desenvolve na medida em que o talentoso carpinteiro é chamado a substituir partes do corpo do glorioso Barão von Bombus, perdidos em batalhas infundas. O nome do barão já sugere o que acontece em suas batalhas intermináveis perde membros de carne e osso que são substituídos por membros de madeira polida, que funcionavam melhores que as originais. Até que o Barão perde a cabeça....

As ilustrações são fantásticas e dão ritmo à narrativa. **MC**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO ADAPTAÇÃO
INFORMATIVO

Se...: uma nova maneira de enxergar grandes conceitos.

David J. Smith. Tradução André Czarnobai.
Il. Steve Adams. Companhia das Letrinhas

Com uma ideia genial, David J. Smith e Steve Adams esclarecem, para crianças e adultos, temas como a idade da Terra, a quantidade de água e de comida no planeta, dentre outras informações que, por serem abstratas, muitas vezes não são compreendidas.

Neste livro, tudo é reduzido a uma escala palpável e concreta, para que todos entendam. Assim, o sistema solar vira um prato, a quantidade de comida na Terra vira um pão de forma, a água do planeta é representada por 100 copos. E, diante dessa perspectiva, conceitos complexos são facilmente explicados.

O projeto gráfico-editorial inclui ilustrações redimensionadas, em escalas absurdas, como pessoas menores que o pão de forma, exatamente para transportar o leitor para o mundo imaginário que se cria. **LWS**

Este livro instiga o leitor ao repetir temas fundamentais ao homem para que se conheça melhor e ao mundo em que vive. Tal repetição não é monótona nem desnecessária porque a maneira como isso se dá ajuda a reter informações, a tê-las de outro jeito ou ratificá-las. O autor instaura um ludismo que o leitor absorve facilmente porque não há “poluição” nos conteúdos. Os vários temas abordados pertencem ao domínio do conhecimento básico para que o indivíduo transite sempre antenado na sociedade. É um convite para enxergar o mundo de forma diferente com base em escalas. Ao final, há um recado para pais e professores que auxilia o máximo de aproveitamento, explorando todas as possibilidades. **MGP**

Com projeto gráfico-editorial muito bem realizado, a obra tem ilustrações de qualidade, com imagens de traços divertidas e muitas cores; paratextos importantes complementam o conteúdo e auxiliam os mediadores e os próprios leitores, como o texto “Um recado para pais e professores”, no final do livro. Como o próprio título anuncia, os conceitos de difícil compreensão são apresentados a partir de comparações com objetos próximos dos leitores: um prato para entender o tamanho da Via Láctea; bolas de beisebol para visualizar os planetas do sistema solar, entre outras boas ideias. **AM**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO ADAPTAÇÃO JOVEM

O país de João.

María Teresa Andruetto. Tradução Marina Colasanti.
Global

O livro narra a história de dois jovens que vivem a migração do campo para a cidade e a volta ao campo. A partir do olhar deles, o leitor entra em contato com questões cruciais da América Latina, atentando para os desmandos sociais que atingem a vida e os sentimentos de cada ser humano. A tradução é primorosa, e o projeto gráfico-editorial (desde a capa, com a imagem circular) dialoga com linguagem verbal. **VA**

O país de João, da argentina María Teresa Andruetto, com tradução da Marina Colasanti, além de uma narrativa bonita e impactante, é uma exigência de pensamento, de reflexão sobre as desigualdades sociais. Com a maestria de quem não faz da literatura um panfleto, mas guarda na escrita uma perspectiva fortemente política, a autora nos convida a conhecer a história de João e Anarina, que é a de muitas famílias latinoamericanas, em busca de uma vida digna. **FF**

María Teresa Andruetto merece destaque por tratar de assuntos que não são do universo infantil – como problemas sociais, políticos, êxodo rural, entre outros – de forma tão leve e pertinente. O livro chama à reflexão as pessoas que defendem livros infantilizados ou que abordem apenas assuntos da faixa etária das crianças. Em *O país de João*, a autora trabalhou temas complexos com maestria. A história é centrada em duas famílias que deixam o campo, no qual um dia tiveram uma vida confortável, com trabalho, alimentação e moradia. Em determinado momento, em meio a uma grave crise, os personagens se veem desempregados e sem ter onde morar, por isso mudam-se para a cidade. A rotina ali também não é fácil, mas eles vão conseguindo viver.

Em cada uma dessas famílias há uma criança: o João e a Anarina. Eles se

conhecem na infância, crescem e se casam. O novo casal é afligido por outros problemas sociais e políticos. João chega a ser preso e, quando sai da cadeia, diz querer voltar ao campo. Anarina diz: “E de que vamos viver?” E ele responde: “Do que for, de ar... que aqui nem ar tem”. Os dois voltam para o campo e, apesar de a vida ali também não ser tão fácil, acabam se resolvendo melhor. O livro tem um projeto gráfico limpo e cuidadoso, composto de um bom texto, escrito de forma simples e doce. *O país de João* merece ser lido pelas crianças. **GM**



PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO
A MELHOR TRADUÇÃO ADAPTAÇÃO RECONTO

O anel encantado.

María Teresa Andruetto. Tradução Marina Colasanti.
Global

Ler María Teresa Andruetto é sempre uma experiência prazerosa. Dona de uma narrativa forte e contida e ao mesmo tempo delicada, a autora nos brinda, mais uma vez, com essa coletânea de contos de encantamento. Gênero que por si só sintetiza a complexidade humana, ao condensar pequenos fragmentos da sua realidade, do conto já se espera esse “susto” benfazejo. E María Teresa o realiza com maestria. Talvez porque a memória desses escritos lhe chegue ao coração, como ela própria afirma. Talvez porque reconstruídos na sua subjetividade, retomem uma magia poética muito própria de bons escritores. Leitura agradável de uma escrita primorosa, *O anel encantado* é uma obra imperdível. **CS**

As sete histórias curtas, de escrita delicada, que compõem o livro *O anel encantado*, da escritora argentina María Teresa Andruetto, tratam de assuntos do mundo encantado de fadas, reis, princesas, seres que ainda fazem sentido frente à brutalidade do mundo atual. A tradução de Marina Colasanti assegura a qualidade estética do texto de Andruetto. **AM**

Contos de fadas, lendas e histórias populares são reescritas para o público infantil, mantendo a estrutura básica das narrativas tradicionais, o que permite uma leitura agradável pelo domínio que o público tem desse modelo estrutural, reforçado pelos traços da magia. Por outro lado, a atenção e a emoção são avivadas pelos sentimentos que os textos suscitam, todos derivados das experiências mais profundas do ser humano. Ler este livro é, então, expor-se aos mistérios da literatura, em linguagem poética e projeto-editorial adequado. **VA**



PRÊMIO FNLIJ
ESCRITOR (A) REVELAÇÃO

Lia e o feitiço da palavra.

Marília Moreira. Il. Maria da Betânia Galas. ÔZé

Marília Moreira, já como experiente profissional na área teatral, em São Paulo, em especial na área de cultura popular, estreia, agora, como autora, neste precioso *Lia e o feitiço da palavra*, em que de forma divertida e lúdica nos conta sobre a história de uma menina triste, tão triste que não tinha vontade pra nada. Através de versos encantadores narra com muita poesia a forma como a menina enfrenta a tristeza. Sob o condão de uma feiticeira, a menina descobre o prazer da vida, e “o feitiço da palavra”, em versos que lhe devolvem todos os dias o encantamento da vida sempre a recomençar. Marília estreia em livro, com arte! **IC**

Marília Moreira, atriz, dramaturga e diretora teatral, nos surpreende em sua primeira obra com uma história ficcional, em versos, sobre uma menina que tinha uma estranha doença.

Às vezes, sua escrita é lúdica, por exemplo, quando procura pelo começo da história:

“Onde começa o começo?

No avesso do fim, diz o último verso.

Vire a página para mim.”

Dialogando com o leitor, vai pedindo que lhe vire a página. Sempre.

Duas vozes. A voz da menina Lia em páginas brancas, à direita. A voz da feiticeira com suas histórias em páginas coloridas, à esquerda.

Uma bela tessitura conduz o leitor ao fim...

“O fim, não se esqueça

É onde, de novo,

O novo começa

Num ciclo sem

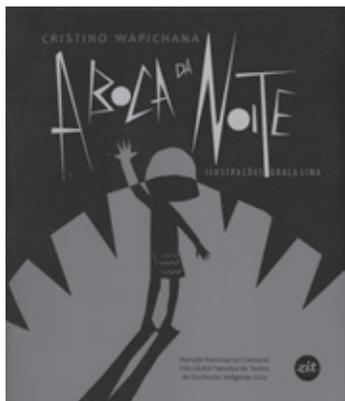
Fim”

Pequenos desenhos em preto e branco ornamentam cada página, remetendo ao teatro de sombras.

Um livro bem acabado, com capa dura, guarda a escrita inovadora de uma história que contém outras histórias.

A qualidade literária, o ludismo, a inovação, a criatividade da autora que sabe usar a palavra para enfeitiçar, fará o leitor aguardar por uma próxima publicação. **MB**

Lia e o feitiço da palavra conta a história da doce princesa Lia que não falava, não sorria, não comia, por isso estava deixando o reino muito preocupado. Chamaram uma feiticeira que logo descobriu o mal da princesa, ela precisava de se alimentar com carne de língua. O começo da história aproxima-se de um conto de fadas, mas Marília Moreira segue outro caminho. Com inovações linguísticas e poéticas, a narradora convida o leitor a virar a página e prosseguir a leitura até descobrir o motivo da doença da princesa. O livro é apresentado em pequeno formato com ilustrações que se aproximam do teatro de sombras. É inovador no modo de contar a história, nas ilustrações, no projeto gráfico. Poesia? Literatura oral? Conto de fadas? Tudo isso está presente neste pequeno/grande livro de Marília Moreira. **NS**



PRÊMIO FNLIJ
A MELHOR ILUSTRAÇÃO

A boca da noite: histórias que moram em mim.

Cristino Wapichana. Il. Graça Lima. Zit

O livro *A boca da noite* me espanta enquanto objeto de arte, me conduzindo ao reino do fantástico, da ancestralidade e da cultura do povo Wapichana.

A escrita fascinante de Cristino Wapichana vai me enchendo de surpresas.

A linguagem singela e vigorosa de Cristino Wapichana traz para a cultura escrita histórias que moram nele desde sempre. Assim sendo, o autor caminha um pouco por suas memórias de infância, pelos costumes de sua família e pela criatividade de seu povo.

As ilustrações de Graça Lima são arrebatadoras. Ocupam inteiramente os espaços de todas as páginas com suas cores fortes e pinturas que remetem à arte dos povos indígenas. (Deslumbramento que já começa pela capa).

Primoroso projeto editorial, em papel couché e ótima impressão a 4 cores e cadernos costurados, guarda a narrativa ganhadora da Menção Honrosa no Concurso FNLIJ-UKA Tamoios de Textos de Escritores Indígenas de 2014 e se faz merecedor do prêmio A melhor ilustração. **MB**

A boca da noite é uma obra inovadora, produzida por dois talentos, de um lado um jovem escritor indígena, Cristino, do povo wapichana, de Roraima, que nos traz a realidade de vida, o conhecimento e o lirismo da vivência dos povos indígenas na Amazônia. De outro lado, uma ilustradora, já de todos nós conhecida pela qualidade de seus traços em livros para crianças e jovens, a carioca Graça Lima. Nesta rica produção, a ilustração merece destaque, pois, com muita sensibilidade Graça dá materialidade à natureza primitiva da realidade amazônica, através de cores fortes e imponentes, numa trajetória descritiva, detalhada e dinâmica do ambiente, dos modos e hábitos de uma cultura que

reúne todos os meios que compõem o universo criativo e lúdico do povo indígena. São belas páginas de cores e traços com marcas de desenhos corporais, da arte cerâmica indígena, de objetos e do espaço natural, numa perspectiva de narrativa sequencial. Uma sintonia perfeita encontrada por Graça para nos revelar a beleza e o prazer da convivência entre a natureza e a visão de mundo do povo indígena. Pelo equilíbrio das cores, detalhes dos traços e movimentos, de forma perfeitamente integrada à arte e cultura indígena *A boca da noite* merece o prêmio de melhor ilustração das obras publicadas para crianças no ano de 2016. **IC**



PRÊMIO FNLIJ GLÓRIA PONDÉ
O MELHOR PROJETO EDITORIAL

Cada coisa.

Eucanaã Ferraz. Eucanaã Ferraz e Raul Loureiro.
Companhia das Letrinhas

Impossível desvincular as ilustrações e o projeto gráfico dessa obra, uma vez que é na distribuição dos versos de Ferraz e de suas ilustrações, feitas em conjunto com Loureiro, responsável esse último também pela capa, que o objeto livro – aqui – ganha dimensão de arte. Os objetos, os mais inusitados e também os mais invisíveis aos nossos olhos, habituados ao passar cotidiano da maioria deles, dão vida a cada coisa, porque deslocada de sua rotina. A segunda e a terceira capas, acompanhadas das páginas que as seguem, apresentam meninos colocados nas mais diferentes posições, em estantes de armários, como a transformá-los em coisas – embora alegre e criativamente colocados, para dali observar aquilo que normalmente engavetamos ou deixamos perdidos ou organizados em estantes. Desconstruindo o olhar do leitor, a ilustração e o projeto gráfico conseguem reforçar a intenção dos versos do autor que é levar aquele que o lê a olhar o mundo como se o estivesse vendo pela primeira vez. **sc**

Cada coisa é um livro de poesia elaborado com muita inventividade onde a palavra e os recursos gráficos utilizados destacam a essência da proposta poética do autor. Numa simbiose entre a ilustração e o texto escrito a poesia está em tudo, no cotidiano, nas coisas, e nos sentimentos. O livro, a começar pela capa, dura, com uma ilustração sugestiva sobre objetos que são tocados por um homem, desperta a atenção do leitor para as demais páginas, que através de fotografias, desenhos, a disposição gráfica dos textos, o colorido das páginas, nomeiam cada objeto, “a coisa”, a qual o autor se refere. Dos objetos mais simples como um alfinete, um grampo, um cotonete, as outras coisas vão sendo nomeadas, as vezes lírica, outras vezes de forma divertida, através de uma estrutura alfabética, dando novas significações às palavras. A parceria de Eucanaã com o designer Raul Loureiro é perfeita em criatividade e invenção neste e em outros livros já conhecidos e premiados pela FNLIJ, como o *Bicho de sete cabeças*. E o resultado não poderia ser outro. Um Projeto Editorial de qualidade em forma e conteúdo que a Cia. das Letras mais uma vez oferece aos leitores de todas as idades que gostam de poesia. **IC**

O poeta Eucanaã Ferraz propicia ao leitor uma experiência estética com a palavra, com seus versos rimados ou livres e também com a forma (algumas poesias concretas). As diferentes formas de ilustrar cada poesia, usando figuras antigas e modernas, recortes e colagens, fotografias e reproduções, desenhos e até a palavra CHAVE, que ilustra o poema de mesmo nome são um deleite para os olhos – “uma visualidade nova para o que está dito com as palavras” (Graça Ramos. In *A imagem nos livros infantis – caminhos para ler o texto visual*. Editora Autêntica). O ritmo visual acompanha o ritmo dos poemas, compondo uma só estrutura narrativa.

Nesse sentido, *Cada coisa*, de Eucanaã Ferraz é um livro para qualquer idade, de grande beleza pelo esmero em sua edição, pelo cuidado com o projeto editorial. Poesias e ilustrações originais e criativas poderão propiciar ao leitor momentos de ludicidade e emoção. Um objeto estético primoroso que encanta desde a capa dura. O projeto gráfico de Raul Loureiro, que já participou de outras obras de Eucanaã Ferraz (*Bicho de sete cabeças e outros seres fantásticos* e *Palhaço, macaquinho, passarinho*) em muito contribuiu para a qualidade da obra.

A guarda do livro é ilustrada por um painel de divertidas fotografias de crianças; a contracapa, o miolo do livro, cada folha, cada pedaço de página é primorosa e artisticamente ocupado. Existe, apenas, uma folha em branco.

“Peço licença para escrever sobre ela
Diante dela podemos tudo
(mas ficamos mudos)

A folha em branco nos estende sua mão
Silenciosa.”

Assim, criadoramente, poeta e designer gráfico seguram na mão as folhas em branco e estas se entregam para que nasçam as artes: a visual e a literária. Criado, o objeto-livro toca o leitor, emocionando com vivências sobre coisas simples, que passeiam no tempo e nas formas. **MB**

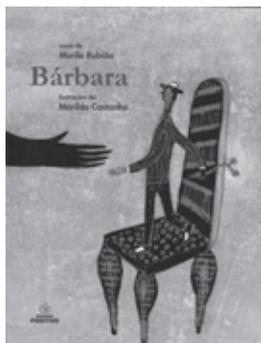
PRÊMIO FNLIJ ESPECIAL

O Prêmio FNLIJ apresentou em sua 43ª edição a categoria Prêmio Especial Coleção, homenageando o escritor Murilo Rubião no centenário de seu nascimento em 2016.

A coleção, lançada pela Editora Positivo, é composta por três contos ilustrados do escritor mineiro precursor da literatura fantástica no Brasil. Os títulos *Bárbara*, *O edifício e Teleco*, *o coelhinho* ganharam edições bem cuidadas, com belas ilustrações de Marilda Castanha, Nelson Cruz e Odilon Moraes, respectivamente.

O lançamento da coleção traz a oportunidade de se conhecer a obra ficcional de Murilo Rubião, que se dedicou exclusivamente à fantasia por meio de contos.

Ao premiar a coleção, a FNLIJ visa destacar para os educadores – família, professores e bibliotecários – a importância e necessidade de incluir Murilo Rubião no cardápio de suas leituras pessoais e profissionais, promovendo a obra do escritor junto aos jovens sob suas influências.



COLEÇÃO MURILO RUBIÃO

Bárbara, O edifício e Teleco, o coelho.

Ilustradores Marilda Castanha, Nelson Cruz e Odilon Moraes, respectivamente. Editora Positivo.

Valor editorial incontestável! Edição impecável! Resgate de parte da obra de um grande escritor e apresentação a jovens leitores, no ano em que se comemora o centenário de nascimento de Murilo Rubião.



O cuidado editorial se amplia na escolha dos ilustradores, um time de primeiríssima qualidade. Para cada conto, a sensibilidade de um (a) ilustrador (a) que realiza a arte da ilustração com cuidado, paixão e sintonia. Junção perfeita de imagens plásticas e literárias.

E ainda, para cada livro, uma apresentação assinada por pessoas que conhecem o autor e a literatura brasileira, escrevem ficção, poesia e teoria literária e se dirigem aos jovens leitores de forma simples e sedutora, deixando transparecer o entusiasmo que a literatura lhes causa.



Nada falta nesses livros, a beleza está também no papel, nas cores das folhas de guarda, nos textos atraentes das contracapas. Todo jovem leitor merece a oportunidade de conhecer Murilo Rubião, um dos nossos grandes escritores, em livros com todas as qualidades aqui resumidas. **TP**

Essas três histórias surrealistas do conhecido escritor mineiro Murilo Rubião foram ricamente ilustradas por grandes artistas plásticos que deram beleza e expressividade à linguagem inovadora de Rubião. Marilda Castanha, Nelson Cruz e Odilon Moraes retrataram muito bem o clima surrealista desses contos. **NS**

MANTENEDORES

Abacate Editorial Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; B4 Editores; Brasil Franchising Participações; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora DCL; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda – EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Fund. Cult. Casa Lygia Bojunga; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Leya Editora; Marcos Pereira; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva Educação; Scoppio Editoria Ltda; SDS Editora de livros EIRELI; SESI SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda e WMF Martins Fontes Editora Ltda.

GESTÃO FNLIJ 2014-2017

CONSELHO CURADOR: Anna Maria Rennhack, Christine Castilho Fontelles, Guilherme Pinto Zincone, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares.

CONSELHO DIRETOR: Isis Valéria (Presidente), Daniele Cajueiro e Marisa de Almeida Borba.

CONSELHO FISCAL: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos.

SUPLENTE: Jorge Carneiro e Roberto Ferreira Leal.

CONSELHO CONSULTIVO: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bia Hetzel, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Maria Bernadete Boff, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Silvia Gandelman.

SECRETÁRIA GERAL: Elizabeth D'Angelo Serra.



FNLIJ

DESDE 1968

**Fundação Nacional do Livro
Infantil e Juvenil**

Rua da Imprensa, 16 sl. 1212

cep: 20030-120

tel: 21 2262-9130

fax: 21 2240-6649

e-mail: informacao@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

BIBLIOTECA FNLIJ

A Biblioteca FNLIJ disponibiliza pelo site as informações de seu acervo de livros de literatura infantil e juvenil, publicados no Brasil, sendo permanentemente atualizada, com a produção brasileira de literatura para crianças e jovens, enviada pelas editoras para a FNLIJ, incluindo informativos e teóricos sobre literatura infantil e juvenil, leitura e áreas afins.

Atualmente a Biblioteca FNLIJ possui um dois maiores e mais importantes acervos de livros de literatura infantil e juvenil do país, com mais de 50 mil exemplares.

As informações estão disponibilizadas para consulta, por meio do sistema *Pergamun*, no site da instituição, através do link: <http://biblioteca.fnlij.org.br:81/pergamum/biblioteca/>